

# Gestos e Constelações inscritos na crítica de Walter Benjamin e de Max Kommerell

Gestures and Constellations  
by Walter Benjamin and Max Kommerell

Maria Aparecida Barbosa  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e91182>

## Resumo

Em pauta, duas resenhas de Benjamin a respeito de Kommerell. Desde que Agamben se referiu ao estudioso da Literatura como um dos “raros talentos supremos entre os críticos do século XX” (2017, p. 211), esses dois textos demandam releituras. A resenha de 1930, “*Wider ein Meisterwerk - zu Max Kommerell ‘Der Dichter als Führer in der deutschen Klassik’*”, considera que, devido à pretensão totalizadora da atitude encomiástica, o livro defende valores sociais conservadores. A resenha de 1934, “*Der eingetunkte Zauberstab - zu Max Kommerells ‘Jean Paul’*”, aquiesce quanto ao lado destrutivo do humor literário de Jean Paul Richter (1763-1825); humor que teria poupado o escritor do destino trágico de Heinrich von Kleist e de Friedrich Hölderlin e que propicia a compreensão dos modos como o registro da história se constituiu como panteão de personalidades ilustres. O mérito de Kommerell, segundo Benjamin, é o de averiguar na obra literária de Jean Paul os fenômenos que correspondiam ao êxito do idealismo das classes superiores junto às inferiores. Todavia, deplora que não tenha revelado a contribuição de Jean Paul para o desmantelamento da exigência, por parte do classicismo junto à burguesia alemã, de uma aliança com um passado feudal via educação estética e culto da bela aparência (1991, volume III, p. 415).

Palavras-Chave: Walter Benjamin; crítica literária; Max Kommerell

## Abstract

On the agenda are two reviews of Benjamin about Kommerell. Since Agamben referred to Kommerell as one of the “rare supreme talents among twentieth-century critics” (2017, p. 211), these two texts demand re-readings. The 1930 review, “*Wider ein Meisterwerk - zu Max Kommerell ‘Der Dichter als Führer in der deutschen Klassik’*,” considers that, due to the totalizing pretension of the encomiastic attitude, the book defends conservative social values. The 1934 review, “*Der eingetunkte Zauberstab - zu Max Kommerells ‘Jean Paul’*,” acquiesces to the destructive side of Jean Paul Richter’s literary humor; humor that would have spared the writer from the tragic fate of Kleist and Hölderlin and that provides insights into the ways in which the record of history has constituted itself as a pantheon of eminent personalities. Kommerell’s merit, according to Benjamin, is that of detecting in Jean Paul’s work the phenomena that corresponded to the success of the idealism of the upper classes with the lower classes. However, he regrets that the book did not reveal Jean Paul’s contribution to the dismantling of classicism’s demand to the german bourgeoisie for an alliance with a feudal past via aesthetic education and the cult of the beautiful appearance (1991, volume III, p. 415).

Keywords: Walter Benjamin; literary criticism; Max Kommerell

Este artigo pretende compreender a função que a literatura exerce como organizadora do pensamento e, para tanto, elege a palavra-conceito “constelação: em que lugar cada um se situa, como se localizam um em relação ao outro e como todos se entrecruzam”<sup>1</sup>. Outra expressão conceitual eleita para o pensamento teórico é gesto linguístico (*Sprachgebärde*), o que é distinto dos procedimentos “distanciamento” (*Verfremdungseffekt*), distanciamento crítico do teatro de Brecht, estudados por Benjamin.

Agamben reavalia a contribuição aos estudos da Literatura do escritor e professor da *Universität Marburg*, Max Kommerell (1902-1944), apontando-o como um dos “raros talentos supremos entre os críticos do século XX”<sup>2</sup>, rol em que naturalmente inclui Benjamin, além do antropólogo George Henri Riviére que transformou o Museu de Etnologia em *Musée de l’Homme* em Paris, o jornalista e anarquista Félix Fénéon que ficou conhecido pelos *fait divers* em forma de haicais de três linhas do Jornal *Le Matin*, Gianfranco Contini estudioso da poesia italiana e autor, por exemplo, do livro citado por Alfonso Berardinelli: *Esercizi di lettura sopra autori contemporanei*. Essa sua polêmica e surpreendente afirmação, Agamben vai desenvolver, argumentando que, em relação a seus objetos, os estudiosos da literatura geralmente operam em três âmbitos e se inclinam mais a um ou a outro conforme a natureza própria: o nível filológico-hermenêutico é a interpretação da obra, o nível fisionômico a situa na ordem histórica e na ordem natural e, o terceiro, o nível gestual, traz a intenção num gesto ou numa constelação de gestos. A Kommerell, que somente ficaria atrás de Benjamin na crítica de língua alemã do período entre-guerras, ele atribui o destaque nessa capacidade de se expressar em linguagem que é “gesto

---

1 KOMMERELL, Max. “Jean Paul, 1952, pp. 53-82.

2 AGAMBEN, Giorgio. “Kommerell, ou do gesto”, 2017, p. 211.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

linguístico” (*Sprachgebärde*). O gesto corresponde ao extrato da linguagem que não se exaure na comunicação, senão a apreende em impressões mais profundas, por exemplo nas impressões de um rosto em seus momentos solitários. Então, operar na crítica da literatura nesse sentido seria, digamos, compreender que

se a palavra é o gesto originário, então o que está em questão no gesto não é tanto um conteúdo pré-linguístico, mas mais, digamos assim, a outra face da linguagem, o mutismo inerente ao ser falante do homem, o fato de este morar, *sem palavras*, na língua. E quanto mais o homem tem linguagem, tanto mais forte é nele o peso do indizível, a ponto de no poeta, que é, entre os falantes, aquele que tem mais palavras, ‘o acenar e o dar sinais se esgotarem e daí nascer algo de corrosivo: a fúria pela palavra.’<sup>3</sup>

Essas reflexões feitas por Agamben se baseiam em escritos de Kommerell acerca de poesia e “gesto linguístico”.

Seria mister distinguir o conceito de gesto em Benjamin, que, antes, parece se referir ao teatro épico de Bertolt Brecht. Esse seria um teatro gestual, cuja ação é interrompida e, dessa forma, configura início e fim de um gesto que se permite ser citado. Esse gesto passível de citação, visto como um recurso artístico nas peças didáticas é, mais que isso, objetivo em si. Em outros textos de Benjamin, esse gesto que interrompe auxilia a compreender por sua vez os contrastes violentos dos dadaístas ou a técnica de montagem cinematográfica. No estudo sobre a reprodução da obra de arte ele constata o caráter da arte dadaísta de profetizar o porvir em estreita relação com transformações técnicas, formais e sociais. Aquelas criações dadaístas marcadas, tanto em matéria formal como em sua substância, por negações conduziram a analogias com os efeitos do cinema, na medida que as imagens incessantemente se sobrepondo provocam o choque. Essa qualidade tátil está relacionada com princípios da arte abstrata. Recursos

---

3 *Ibidem*, “Kommerell, ou do gesto”. 2017, pp. 211-212.

tipográficos e plásticos auxiliam a aplicá-la ao texto poético. Incentivando polissemias radicalizam a luta contra os rígidos ideais da tradição burguesa: a educação, a arte, o nacionalismo agressivo.

Retomo Agamben. A epígrafe do ensaio “Ideia da linguagem II”<sup>4</sup>, que integra *Ideia da Prosa*, é dedicada à poeta vienense Ingeborg Bachmann *in memoriam*. Bachmann considera que certas indagações são mantidas de fora do literário porque, aparentemente, a mera tradução em linguagem, segundo os problemas literários com que nos familiarizamos, nos leva a perceber essas indagações como secundárias<sup>5</sup>. Nem nos damos conta dessas indagações devastadoras, medonhas em sua simplicidade, que na maioria das vezes vêm à tona.<sup>6</sup>

O gesto é “a exibição da medialidade, o tornar visível um meio como tal.”<sup>7</sup> A comunicação da pura comunicabilidade<sup>8</sup>. A compreensão do “gesto linguístico” - *Sprachgebärde* - é um ponto de partida para investigar critérios e metodologias da poética e da crítica literária com Benjamin. Assoma da etimologia a definição do gesto não como *facere* algo ou *agere/handeln*, em que o ator sem fazer o drama o recita, senão como a expressão *res gerere* [cumprir algo no sentido de apreender o algo em si, assumir-lhe a inteira responsabilidade, suportar-lhe]<sup>9</sup>.

---

4 AGAMBEN, Giorgio. 2013, p. 113.

5 BACHMANN, Ingeborg. “Fragen und Scheinfragen”, 1995, p. 8.

6 Em aulas e ensaios, a pensadora Bachmann provoca com a ideia de que “Os limites da minha linguagem significam os limites de meu mundo”, não como a incapacidade de acesso ao mundo que vá além de nossa linguagem, mas sim para discutir que os limites nos conduzem à incapacidade de dizer e nos fazem silenciar. E que se torna indispensável buscar outros modos, mas essas são questões que ela formula e desenvolve num outro livro: *Wir müssen wahre Sätze finden* [Precisamos encontrar frases verdadeiras].

7 AGAMBEN, Giorgio. 2008, “Ideia da linguagem II”, p. 13.

8 *Ibidem*. “Ideia da linguagem II”, 2008, p. 14.

9 *Ibidem*. “Ideia da linguagem II”, 2008, p. 12.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

Os dois textos de Benjamin<sup>10</sup> constituem resenhas cruciais dentro de toda a sua obra, de maneira que, embora em termos restritos designemos como resenha, consideramos que se alçam a gêneros de maior complexidade e profundidade. Dito isso, em vista dessas duas resenhas sobre seu contemporâneo importa, em segundo lugar, retomar a palavra-conceito “constelação”<sup>11</sup>. O próprio Kommerell a emprega para localizar o escritor Jean Paul Richter nos três anos que antecedem o século XIX, em Weimar, entre as naturezas criadoras estelares: um “corpo estranho”, *Fremdkörper*, um “poema não composto ou comédia de trágicas possibilidades”, a “*Konstellation*; estrelas acima da pessoa. Mas ao mesmo tempo as estrelas aqui são pessoas, pessoas da categoria estelar. Uma aparecem, desaparecem. Por acaso, por certo. A constelação exprime em que lugar cada um se situa, como se situam uns em relação aos outros e como todos se entrecruzam”.<sup>12</sup>

Esta pesquisa concernente aos textos de crítica literária escritas por Benjamin permite verificar uma constante prevenção contra o Círculo do

---

10 Da atuação de Benjamin como crítico literário, trago uma nota biográfico-intelectual. Logo após terminar em parceria com Franz Hessel (1880-1941) a tradução ao alemão do ciclo Em busca do tempo perdido de Marcel Proust, vendo frustrados seus planos de uma carreira acadêmica, ele escreve ao amigo Gerhard Scholem em 21/07/1925, informando dos compromissos que assumiria com a nova revista da Editora Rowohlt de Frankfurt, *O Mundo Literário (Die literarische Welt)*, dirigida por Willy Haas. Essa publicação que fora pensada para autores da Editora, conquistou independência financeira e se tornou fórum dos grandes debates intelectuais do final da República de Weimar. Entre 1926 e 1929 a revista publicava cerca de 30 trabalhos anuais da autoria de Walter Benjamin, enquanto o *Jornal de Frankfurt (Frankfurter Zeitung)* publicava cerca de 15, “dependendo da boa vontade pessoal de Kracauer”, complementa Witte na p. 76 da biografia. Na referida correspondência a Scholem, ele prossegue: “Nesse ínterim não tenho empreendido muita coisa, tão logo termino a correspondência, me dedico à leitura. Eu me proponho a ler sobretudo as novidades da França: seja os magníficos escritos de Paul Valéry (*Variété, Eupalinos*), seja os duvidosos livros dos surrealistas. Em face desses documentos preciso gradativamente me familiarizar com a técnica da crítica.”

11 O conceito “constelação” atravessa a tese de Walter Benjamin, *Origem do Drama Trágico Alemão*, inicialmente traduzindo-se como estrelas-ideias dispersas, adquirindo nexos no coletivo e, finalmente, ele é empregado como a complexidade do todo, com realce da intriga que proporcionaria a totalidade alegórica no drama trágico. Mas neste artigo o conceito, lido em Kommerell, prevalece como o arranjo das relações entre personalidades ilustres estelares.

12 KOMMERELL, Max. “Jean Paul in Weimar”, 1952, p. 53.

poeta Stefan George<sup>13</sup>. De uma prevenção estético-política que se estende ao estilo esplendoroso do poeta *art nouveau/ Jugendstil* na Alemanha: “estilo com o qual a burguesia procura dissimular o pressentimento da própria fragilidade, entregando-se em todas as esferas a devaneios cósmicos, malbaratando, numa expectativa ébria do futuro, a palavra ‘juventude’, que emprega como se fora uma fórmula mágica”<sup>14</sup>. O ensaio “*As afinidades eletivas de Goethe*” vai de encontro à maneira como o Círculo de George canonizava a figura do poeta semideus, cuja obra seria uma tarefa outorgada como a um herói detentor de mandato. Friedrich Gundolf<sup>15</sup>

teria colocado a própria vida de *Goethe* (1916) como a mais importante obra, entre todas as obras do escritor.

A primeira menção de Benjamin à obra de Max Kommerell alude ao jardim de Stefan George, muito provavelmente se trate do conhecido poema

---

13 No ensaio “Johann Jakob Bachofen”, Benjamin denuncia as adaptações descaracterizadoras que a obra acerca do matriarcado desse professor de jurisprudência, Bachofen, sofreu por “professores oficiais do fascismo alemão” (BENJAMIN 1991 volume II, p. 230), no contexto a crítica é dirigida a Ludwig Klages (1872–1956) e sobretudo a Alfred Baeumler (1887-1968).

14 BENJAMIN, Walter. “Stefan George em Retrospectiva”, 1986, p. 145.

15 Friedrich Gundolf e Friedrich Wolters escreveram obras nesse sentido: Friedrich Wolters: *Herrschaft und Dienst* (1909, ilustrações Melchior Lechter). *Stefan George und die Blätter für die Kunst. Deutsche Geistesgeschichte seit 1890* - publicado em 1929. Friedrich Wolters, Friedrich Gundolf: *Jahrbuch für die geistige Bewegung, Berlin 1910*. Wolters foi *ausserordentlicher Professor*, antes de Kommerell em Marburg e “*im engeren Sinne ist sein Lehrer Friedrich Wolters*” (BENJAMIN 1991, p. 410).

Certo é que a relação do poeta com os jovens do Círculo - Max Kommerell era um dos mais íntimos, até 1930 - é um nó cego, depreendendo-se da entrevista que o biógrafo Thomas Karlauf concede ao *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, intitulada “*Päderastie aus dem Geist Stefan Georges?*”, de 05.04.2010.

de George<sup>16</sup>. A menção está na carta endereçada de Volterra no dia 27 de julho de 1929, a Scholem: “Em San Gimignano feri minhas mãos nos espinhos de um roseiral cuja floração do jardim de George é em certos pontos de uma beleza surpreendente”<sup>17</sup>. É a “publicação mais bizarra [*die erstaunlichste*], que nos últimos anos provém do Círculo de George”<sup>18</sup>.

A resenha “Contra uma obra-prima - acerca de ‘O poeta como guia no Classicismo Alemão’, de Max Kommerell” - o livro [*Der Dichter als Führer in der deutschen Klassik*] é de 1928 e a resenha foi publicada na *Die literarische Welt*, 15.8.1930, Jg. 6, Nr. 33/34, pp. 9-11 - não se propõe a objetar quanto ao estilo ou à qualidade do livro. Essa resenha inicia com uma analogia entre o texto e a forma multifacetada do diamante: a forma simétrica de superfície lisa e impenetrável, para em seguida chamar a atenção ao estudo da biografia e da obra, que estariam de tal modo fundidas no livro, resultando assim numa visão não psicológica, mas, isso sim, monumental. O não-acontecido, o intuído em horóscopos e quiromancias seria o acento a que recorre esse tipo de biografia. A renovação poética postulada pelo Círculo de George queria se legitimar através da origem romântica; e, além

---

16 Meu jardim não quer ar nem calor (1892), em minha tradução:

Meu jardim não quer ar nem calor ·  
O jardim que erigi prá' mim mesmo  
E seu pássaro de inanimado passaredo  
Jamais viveram uma única primavera.

De carvão os troncos· de carvão a ramagem  
e campos sombrios beirando bosques sombrios ·  
Frutos de inflexível folhagem  
brilham como lava em florestas de pinhos.

Uma luz cinzenta oriunda de velados vãos  
Não indica se noite se manhã vem vindo  
E densas fragrâncias e essências de amêndoa  
Ascendem de canteiros, campos e grãos.

Como hei porém de procriá-la na ermida  
- assim absorto o sopeso  
quando em atrevidos meneios de lucubrações excedo -  
marcante soturna flor enegrecida?

17 BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften Briefe*, 1978, p. 500.

18 *Ibidem*, p. 502.

disso, expandir as referências de sua origem beneficiando-se também do Classicismo seria uma estratégia no sentido de se vangloriar da força que desborda do seu cerne. Como nenhum outro livro do Círculo de George, esse teria logrado uma “história esotérica da poesia alemã”.<sup>19</sup> Essa seria uma mera história da literatura destinada ao *profanum vulgus*; uma história destinada pura e simplesmente à “beatificação dos alemães” (*heilsgeschichte der deutschen*). Uma história, que no decurso de encontros, irmandades, testamentos e profecias, ameaça a cada momento transmutar-se ao apócrifo, ao indizível e ao suspeito. Uma doutrina da autêntica germanidade e dos desígnios insondáveis da escalada alemã a cerca prenhe de auspícios sobre a afinidade do gênio alemão e do grego.<sup>20</sup>

O cerne do livro de Max Kommerell intitulado *O poeta como guia no Classicismo Alemão*, objeto da resenha, se reporta à constelação de personalidades históricas, integrada por escritores que viveram aproximadamente no final do século XVIII: Klopstock, Herder, Goethe, Schiller, Jean Paul, Hölderlin<sup>21</sup>. Quanto, porém, à afirmação de um gênio alemão como herdeiro daquele gênio grego, isso, sim, questiona Benjamin. Kommerell coloca diferentemente o Classicismo como o primeiro caso de rebelião contra o próprio tempo na literatura alemã, um combate que seria semelhante àquele, sagrado e heroico diante de sua época, a que conclama George<sup>22</sup>. Benjamin discorda veementemente dessa apologia da atitude heroica de escritores em geral do período do Classicismo, ao contrário, ele fala

---

19 BENJAMIN, Walter. *Kritiken und Rezensionen - Gesammelte Schriften Band III*, 1991, p. 254.

20 *Ibidem*.

21 Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803) ficou conhecido como poeta. Johann Gottfried von Herder (1744-1803) se tornou referência na história da literatura devido às pesquisas que realizava, coletando contos populares em praças e mercados. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1803), Friedrich Hölderlin (1770-1843) são escritores cânones da literatura de língua alemã.

22 BENJAMIN, Walter. *Kritiken und Rezensionen - Gesammelte Schriften Band III*, 1991, p. 254.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

até mesmo de uma “atitude intelectual de resignação”<sup>23</sup>. Devido à pretensão totalizadora da atitude encomiástica, hagiográfica, o livro defende, a seu ver, conforme vai trazendo na resenha, valores sociais conservadores, não somente por conferir virtudes exageradas às personalidades em detrimento de fazê-lo em relação às obras literárias, como também por uma construção política de Nação fundada sobre galardões (aqui, na acepção de emblemas, brasões, insígnias). Não obstante, Klaus Vogel, autor que recentemente lançou um livro mais abrangente sobre o assunto, *Zauberhaftes Denken: Annäherungen an Max Kommerell* (2020, s. p.), observa que a atitude de Benjamin demonstra já no título - “contra uma obra-prima” - sinceridade intelectual diante do crítico que via como antagonista sobretudo político. Importa dizer que o título da resenha de Benjamin, “*Wider ein Meisterwerk*”, é ambíguo: se por um lado se coloca em oposição à obra, enfrentando-a, por outro lado, essa obra não é simplesmente obra, mas vem acompanhada de um atributo superlativo: é “Meisterwerk” [obra-prima]. Outros verão a consideração de Benjamin pelo seu desafeto com outros olhos, como assinalaremos mais adiante. Mas não há como deixar de questionar por que, então, ele se dá ao trabalho de desenvolver resenhas de raciocínio tão complexo em resposta a esses dois livros que vêm de encontro às suas posições, sempre tão coerentes, não somente as históricas como também as estéticas? Talvez por crer que seria necessário contrapor-se, apresentar suas objeções quanto a posições diversas, polêmicas?

Leio agora o ensaio de Kommerell, “Jean Paul in Weimar”, e acompanho a apreciação de Benjamin intitulada “*Der eingetunkte Zauberstab - zu Max Kommerells ‘Jean Paul’*” [embebendo a varinha de condão - acerca de “Jean Paul”, de Max Kommerell], publicada no *Journal Frankfurter Zeitung* em 1934. Por mais que fosse necessário rebater, como neste artigo já argumentamos, e por menos que aquela resenha coloque

---

23 *Ibidem.*

em xeque o primeiro livro do professor de Marburg, essa segunda resenha admite literalmente que o trabalho de Max Kommerell teria conquistado o direito à “autoridade”, qualidade essa que seria rara entre os historiadores da literatura na Alemanha. Essa virtude de Kommerell “se devia com mais evidência não exclusivamente ao talento de apreender a fisionomia de cada personalidade, mas, sobretudo, pela compreensão das constelações históricas em que as personalidades se agrupavam»<sup>24</sup>.

O ensaio “Jean Paul in Weimar” de Kommerell questiona, por exemplo, o que teria Jean Paul Richter herdado de Herder, filósofo que alcançou imensa influência dentro do Classicismo de Weimar. E, logo em seguida, responde que essa *Unio mystica* estimulou na obra do escritor “a refusão das formas antigas no caráter anímico, a fome moderna e aguçada para adentrar as forças do caos, a vizinhança do Oriente e do Sul na alma alemã, a transição do pensamento plástico para o gênero da parábola, em vez de uma direção unilateral da força, a totalidade com frequência enevoada e esmaecida, em que às vezes a razão desempenha o papel da poesia, e a fantasia assume o papel do intelecto e, finalmente - contra a resignação de Weimar: configuração e ordenação do possível - o acervo alemão do que ainda inexistente, não nasceu.”<sup>25</sup> E o ensaio de Kommerell correlaciona duas descrições referentes a Herder - a descrição feita em *Vorschule der Ästhetik* [Introdução à Estética]<sup>26</sup> ele coloca ao lado da descrição constante em *Dichtung und Wahrheit* [Poesia e verdade]. De autoria de Jean Paul e de Goethe, pupilos tão distintos, as duas

---

24 BENJAMIN, Walter. *Kritiken und Rezensionen - Gesammelte Schriften Band III*, 1991, p. 410.

25 KOMMERELL, Max. “Jean Paul in Weimar”, 1952, pp. 80-81.

26 A *Vorschule der Ästhetik* traz essa primeira referência de Jean Paul Richter a Herder: “Cartas de um nuremberguês a mim: o espírito nobre era incompreendido por épocas e partidos opostos; mas não inteiramente sem sua própria culpa; porque ele cometeu o erro de não ser estrela de primeira ou doutra grandeza, mas um feixe de estrelas, a partir do qual todos soletraram ao belprazer constelações, uma de Libra ou outono, outra de câncer ou verão e assim por diante. Pessoas com poderes diversos raramente são mal compreendidas, pessoas com poderes únicos; aqueles tocam todos os seus pares e seus pares, esses apenas seus pares.”

referências seriam “dois monumentos”, que postos assim juntos como dois “hemisférios” dariam conta da abrangência de Herder.

Ora, quanto enaltecimento!

Benjamin afirma ter uma posição política, um modo de pensar (*Gesinnung*) diferente do modo de pensar de Kommerell; sua resenha transcreve em linhas gerais a argumentação do ensaio “Jean Paul in Weimar”, mas tem, ele afirma, a finalidade precípua de apresentar o escritor Jean Paul diferentemente de Kommerell. Em muitos trechos a resenha é deferente e elogiosa. Sim, Kommerell teria percebido o lado destrutivo do humor literário de Jean Paul bem como certas porosidades na literatura, que propiciam a compreensão acerca dos modos como o registro da História se constituiu como panteão de personalidades ilustres. O mérito do ensaio teria sido a capacidade de enxergar como a obra de Jean Paul aponta a certos fenômenos que correspondiam ao êxito do idealismo das classes superiores junto às inferiores, isso é o que aprova a resenha. Todavia, Kommerell não quis destacar a contribuição de Jean Paul, através de seu universo literário barroco, para o desmantelamento da exigência que o Classicismo impunha junto à burguesia alemã, de uma aliança com um passado feudal via educação estética e culto da bela aparência<sup>27</sup>. Um mundo de aparência bem diferente é o que a burguesia do Biedermeier<sup>28</sup> erige, então, sob o protetorado de Jean Paul; a arte do Biedermeier é permeada por esses legados, e as anotações de Jean Paul foram seu arquivo.

Essa dimensão histórica - que o crítico berlinense em várias passagens de sua obra volta e meia sublinha na literatura dessa época, recorrendo sobretudo ao realismo burguês de Gottfried Keller - é extraordinária por

---

27 BENJAMIN, Walter. *Kritiken und Rezensionen - Gesammelte Schriften Band III*, 1991, p. 415.

28 O período histórico da cultura alemã após a restauração política de 1815 é chamado de *Biedermeier*. Foi marcado pelo conservadorismo e pela dedicação às atmosferas íntimas e privadas.

auxiliar bastante na compreensão do século XIX como um gradual despertar para uma estética diversa, reconhecível em certo viés da tradição literária de expressão alemã: Jean Paul e Gottfried Keller descrevem gente simples. Seria pertinente, ademais, incluir a literatura do estudioso da medicina e ativista político Georg Büchner, pensemos nos seus protagonistas pertencentes às classes populares: *Woyzeck*, *Lenz*.

Keller, herdeiro desse arquivo de Jean Paul, se concentra no mundo das pessoas simples por amor aos traços individuais característicos; ao mesmo tempo essa pintura detalhada deve revelar e demonstrar, além disso, os sentimentos profundos de suas personagens, porque os mais elevados sentimentos de alegria são possíveis também nos círculos das pessoas de horizontes limitados.<sup>29</sup>

### **O estado da questão**

Ora, na medida em que Benjamin se dedica a uma figura controvertida como aquele crítico e escritor de Marburg - que, aliás, em 1939 se filiará ao Partido Nacional-Socialista, NSDAP - ele “magoou profundamente em termos pessoais” seu interlocutor Adorno, que em carta de 06.11.1934 informa indignado que o “autor certa vez expressou às claras que pessoas como eu deveriam ser postas contra o muro -, desnecessários são maiores esclarecimentos nesse sentido.”<sup>30</sup> Numa outra carta inédita a Francis Golfing de 04.01.1968, Adorno novamente se manifestou a respeito dessa hostilidade:

[...] conheci Kommerell pessoalmente e recebemos nossos diplomas de pós-doutorado em Frankfurt quase ao mesmo tempo. Mas nossa amizade era bastante superficial - as diferenças políticas então eclipsaram tudo a tal ponto que nenhum verdadeiro contato entre mim e um indivíduo decididamente tão de direita poderia se estabelecer, na época eu o via como um

29 JAEGGI, Frieda. *Gottfried Keller und Jean Paul*, 1913, p. 44.

30 ADORNO, Theodor. *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*, 2012, p. 111.

fascista altamente dotado [...]. Nunca pude entender a admiração que Benjamin nutria pelos seus inimigos.<sup>31</sup>

Certamente diante da resenha (talvez seja melhor acentuar: artigo) que Benjamin dedicou a Kommerell em 1930, outro protesto exasperado se faz ouvir através do poema de Paul Celan: “PORT BOU - DEUTSCH?” Essa poesia de Celan, lendo a edição *Schriften* (ed. Theodor e Gretel Adorno. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1955), aponta e deplora na crítica de Benjamin ambiguidades que até certo ponto contribuem, de maneira parecida com o objeto que é o livro resenhado, para a apologia de figuras proeminentes da germanidade. Essa é também a análise do filósofo francês Jean Bollack<sup>32</sup>.

O poema censura o crítico por ter se deixado encantar por uma ideologia germânica que ele próprio, como judeu, teria de ter identificado e combatido e não se tornar, como questionamos neste artigo, refém da germanidade. Em vista da experiência histórica da Shoa, Celan se torna a referência da linguagem poética que nega sujeições, assim, naturalmente se inquieta ante o encantamento que Benjamin demonstra diante das palavras vazias e frívolas dos estudos de Kommerell. O beletismo pelo beletismo, aceito justamente por parte de quem se esperaria, antes e muito mais, o desvendamento da força semântica, da autoridade, do fascismo das palavras.

---

31 *Ibidem.*

32 Minha tradução, em primeira versão, do poema de Celan, «PORT BOU - DEUTSCH?»

Afaste a capa furtiva, o/capacete da dissimulação./Esquerda-nibelungos, direita-/nibelungos:/renovado, sa[re]neado, /Escumbros.

Benjamin/lhes diz-não, para sempre,/ele diz-sim.

Tal eternidade, também/como B-Bauhaus:/não.

Não tarde demais,/uma abertura/secretaria.

[Pfeil die Tarnkappe weg, den/Stahlhelm.

Links-/nibelungen, Rechts-/nibelungen:/gerheint, gereint,/Abraum.

Benjamin/neint euch, für immer,/er jagt.

Solcherlei Ewe, auch/als B-Bauhaus:/nein.

Kein Zu-Spät,/ein geheimes/Offen.]

BOLLACK, Jean. “Celan devant Benjamin en soixante-huit”, 1998, p. 79.

Tudo isso, afinal, acabou por subjugar a condição do próprio Walter Benjamin como intelectual judeu.

## Referências

ADORNO, Theodor. BENJAMIN, Walter. *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. “Kommerell, ou do gesto”. *In: A potência do pensamento*. Tradução de António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Pp. 201-221.

AGAMBEN, Giorgio. “Ideia da linguagem II”. *In: Ideia da Prosa*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Pp. 113-116.

BACHMANN, Ingeborg. “Fragen und Scheinfragen”. *In: Frankfurter Vorlesungen*. München: Piper Verlag, 1995.

BACHMANN, Ingeborg. *Wir müssen wahre Sätze finden*. München: Piper Verlag, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften Briefe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, Bd.1-2, 1978.

BENJAMIN, Walter. *Kritiken und Rezensionen - Gesammelte Schriften Band III*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

BENJAMIN, Walter. “Stefan George em Retrospectiva”. *In: Documentos Documentos de cultura, Documentos de Barbárie*. Tradução Willi Bolle et alli. São Paulo: Cultrix, 1986.

BOLLACK, Jean. “Celan devant Benjamin en soixante-huit”. Editions Hazan | « Lignes » 1998/3 n° 35 | pages 79 à 93.

JAEGGI, Frieda. *Gottfried Keller und Jean Paul*. Bern: Verlag von A. Francke, 1913. Disponível dia 18/08/2019 in <https://archive.org/details/gottfriedkelleru00jaeguoft/page/n5>

KOMMERELL, Max. “Jean Paulin Weimar”. In: *Dichterische Welterfahrung Essays*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1952. Pp. 53-82.

RICHTER, Jean Paul. *Vorschule der Ästhetik*. Disponível dia 28/07/2020 in Zeno.org: <http://www.zeno.org/Literatur/M/Jean+Paul/Schriften/Vorschule+der+%C3%84sthetik/Dritte+Abteilung/3.+Kantate-Vorlesung#fn264ref>

VOGEL, Klaus. Über das Buch: *Zauberhaftes Denken: Annäherungen an Max Kommerell*. Marburg: Büchner-Verlag, 2020.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin, uma biografia*. Tradução Homero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 1976.

Submissão: 26/03/2022

Aceite: 18/06/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e91182>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*